



Além dos valores intrínsecos no indivíduo, há ainda os valores culturais, econômicos, religiosos e individuais que recebemos ao longo de nossa vida, e é sabido da importância dos mesmos em nossa jornada, na formação, autonomia, ou não, dos nossos filhos.

Penso que, para aumentar a nossa capacidade de lidar com os pequenos, é importante incluir a discussão sobre as guerras, pestes e pandemias na nossa história.

Algumas gerações sobreviveram sem passar por essas tragédias e não souberam o quanto a vida já foi, e é difícil, para algumas nações e famílias.



Como exemplo,

- *A peste bubônica que matou aproximadamente 200 milhões de pessoas no mundo.*
- *Em 1755, a cidade de Lisboa, em Portugal, e regiões próximas foram praticamente destruídas por um terremoto, seguido de incêndios. Conseguiram reconstruir as cidades e ainda existem lá algumas ruínas como museu para reviver a memória.*
- *A Varíola é uma doença que atormentou a humanidade por mais de 3 mil anos, sabendo que no Brasil a doença atacou aproximadamente por uns 50 anos. E, somente por meio da descoberta da vacina, foi erradicada do planeta em 1980.*
- *A pandemia da gripe espanhola do ano de 1918 foi a mais letal da história, chegando a matar 50 milhões de pessoas em todo o mundo e um total de 500 milhões de infectados, ou seja, cerca de um terço da população do planeta, na época. Enquanto no Brasil, a doença causou cerca de 35 mil mortes, porém para aquela época era um número alto de mortes, se relacionarmos com o número de habitantes daquele período.*

Estamos apontando esses aspectos para mostrar que as nossas atitudes comportamentais são muito influenciadas por momentos históricos e, ao mesmo tempo, ela personaliza, individualiza, reinventa e constrói.

Não estamos criticando de forma negativa, pois o homem muda em busca da sua sobrevivência. Esses fenômenos socioculturais são fatos que expressam hábitos, usos, costumes da sociedade, intensificando ou diminuindo consumos, produzindo linguagens e alterando os comportamentos sociais.

E isso são causas que interferem diretamente na educação dos nossos filhos. Atualmente, estamos enfrentando a pandemia do coronavírus e não é necessário apontar o quanto tivemos que mudar nossos hábitos, costumes e até a dinâmica do relacionamento interpessoal familiar.



O nosso objetivo é também mostrar aos pais e educadores que esta influência não é um fato novo na história mundial, embora para muitas famílias, e por incrível que pareça, até mesmo algumas escolas criaram conflitos como se estivéssemos vivendo uma crise de doença pela primeira vez no mundo.

Os enfrentamentos de qualquer situação incomum para as crianças dependem muito dos comportamentos de seus responsáveis; por isso faz-se necessário os adultos terem um direcionamento sem alarmes, esclarecer a dificuldade e nunca omitir um fato.

Demonstrar a sua fé e esperança e acreditar que somos capazes de nos reinventarmos em situações até piores do que a pandemia da covid 19.

Além dessas atitudes de perseverança, as práticas dos bons hábitos de sobrevivência devem ser ensinadas assim que a criança estiver pronta para interagir com o mundo.

Quais as práticas de sobrevivências que me refiro?

- *Macerar um chá, por exemplo, para dor, prática simples, fácil, útil e pouco usada na educação das nossas crianças.*
- *Visitar e ajudar a cuidar de parentes doentes e/ou idosos.*
- *Fazer visitas aos cemitérios, junto aos menores e adolescentes.*
- *Aprender a cozinhar diferentes tipos de alimentos, visto que, às vezes, a criança sabe preparar um miojo, mas não sabe a importância da cebola, alho e açafrão adicionados em uma canja simples para fortalecer uma pessoa fraca de saúde.*
- *Preparar um soro caseiro com sal e açúcar.*

Muitas famílias até usam a receita, mas escondem a fonte segura da criança ao misturar com guloseimas para facilitar a ingestão.

- *Aprender a lavar e cuidar da sua própria roupa, lavar banheiro, talheres e outros itens.*



Constata-se que em países desenvolvidos, e que já vivenciaram experiências de guerras e tragédias com diversas doenças, os cidadãos conseguem enxergar essas práticas de sobrevivência como algo natural da educação dos seus filhos, enquanto na nossa cultura, muitas vezes são vistas como condutas de pais antigos, obsoletos e que isso poderá traumatizar os menores.

A regra para os pais, principalmente de países capitalistas, é que sejamos modernos, e para termos filhos felizes, temos que consumir o básico e seguir o lema de viver a vida.

Sim, concordamos que temos que viver a vida. E quando queremos viver a vida e morremos, por que não nos preparamos para a vida?

A experiência da doença da covid 19 nos mostrou isso quando as estatísticas de agressividade, conflito e depressão aumentaram assustadoramente nas famílias dependentes de serviços terceirizados, dentro de casa, para cozinhar, lavar, passar, etc.

Através das medidas sanitárias do isolamento social, muitas famílias tiveram que se reinventar. É uma geração vacinada que tem defesa para a maioria das doenças mortíferas na infância. Entretanto, essa situação para nós pode ser extraordinária, mas não é nova na história mundial.



O importante, neste momento, é destacar o quanto somos criativos e temos habilidade para buscar alternativas.

- *Quantas famílias desempregadas que adaptaram suas varandas e cozinhas para preparar refeições de entregas em domicílio para fortalecer o isolamento social, atendendo às exigências sanitárias da Organização Mundial da Saúde e, também, para equilibrar as receitas econômicas, trabalhos em home office, escolas adaptadas a uma plataforma de ensino online, etc.*
- *O Japão foi um país muito prejudicado por ataques de bombas atômicas e já reinventou o modelo educacional, onde as crianças são forçadas a serem independentes.*
- *Grande parte dos países da União Europeia também já pensaram em uma educação para tornar a pessoa, ainda bem jovem, responsável pelos seus afazeres domésticos e assumir as consequências dos seus atos.*
- *A Dinamarca e a Suécia defendem que, para formar pessoas felizes no mundo, é preciso ensinar as crianças a se sentirem capazes, confiantes e honestas. A prioridade dos pais lá, hoje, está em construir a empatia nos filhos. Ou seja, saber se colocar no lugar do outro. Independente de classe social, os pequenos aprendem a respeitar o outro e cumprem as suas obrigações em casa, quando saem da escola, quando os pais ainda estão no trabalho e, mesmo assim, cumprem suas obrigações.*



Propomos, nessa pequena conversa, que os pais, educadores e responsáveis brasileiros busquem uma educação centrada no que as pesquisas e estudos já apontam no mundo, que são os resultados favoráveis na formação humana. Ou seja, além da aprendizagem das atividades básicas de sobrevivência, formar e desenvolver o pensamento de autonomia, associado ao comportamento de flexibilidade das nossas crianças, com o objetivo de aliviar o sofrimento em situações de conflitos, doenças e guerras.

- *Enriquecer as atividades pedagógicas com ações de desafios e soluções de problemas, estimulando o resultado de criatividade, nunca apoiar a mesmice e sempre incentivar que “você pode ir mais, além...”.*
- *Em casa, pensarem em ações da mesma forma e sempre chamarem os pequenos para buscar uma solução, até mesmo nas coisas mais simples. Mesmo que você já saiba a solução, é importante colocar a cabecinha deles para pensar e o resultado será surpreendente.*
- *Procurar desenvolver a empatia para com o outro, respeito e honestidade, pois são valores que devem ser internalizados, para facilitar a viver a vida mais feliz e, mesmo nas dificuldades, estaremos mais fortalecidos para enfrentar, doar e receber.*

A pessoa com esses valores sempre estará de bem com a vida, porque a sua consciência estará tranquila em relação às outras pessoas.

Incentivar a sonhar é permitido, porque poderá se tornar real, mas jamais poderemos negar a realidade de que não sonhamos.





Luzanir Luíza de Moura Peixoto

*Mestre em Educação, Psicóloga, Arte-
Educadora, mãe e Do Lar*

